

# MEMÓRIAS FEMINISTAS: UM RECORTE ATRAVÉS DE ARTISTAS VISUAIS NA PANDEMIA

XI Seminário Internacional de Memória e Patrimônio, 11ª edição, de 26/10/2021 a 29/10/2021  
ISBN dos Anais: 978-65-89908-75-3

**AGUIAR; Loíze Aurélio de <sup>1</sup>, POLONI; Rita Juliana Soares <sup>2</sup>**

## RESUMO

Em setembro de 2020, desenvolveu-se o projeto CONVERSAS COM ARTISTAS GAÚCHAS NA PANDEMIA, que foi selecionado pelo Financiamento de Projetos Culturais Digitais (FAC Digital Emergencial RS - Pessoa Física), através da Secretaria da Cultura do Rio Grande do Sul, Universidade Feevale e Feevale Techpark, de Novo Hamburgo, município gaúcho do Vale dos Sinos. O projeto abrangeu 5 *transmissões ao vivo*, mas nos deteremos a desenvolver elementos àquela intitulada “Olhares sobre o processo artístico nas Artes Visuais”, ocorrida em 24 de Setembro de 2020, no período de pandemia por SARS-CoV-2, e que contou com as artistas Aline Daka, Ana Maria Albani de Carvalho e Milene Tafra. A íntegra da *live* pode ser vista em [https://youtu.be/KIT\\_IPftno](https://youtu.be/KIT_IPftno). Salienta-se a gravidade da referida pandemia, com destaque particular para a situação brasileira, em cujo contexto, até Agosto de 2021, registravam-se já mais de 570 mil mortes pela doença.

Sob o título de “Mulheres Caídas”, Daka, uma das artistas participantes, teve uma de suas principais exposições canceladas por conta do coronavírus, em março de 2020, quando já contava com todas as instalações montadas, gerando forte impacto na autora. A mesma decorreria no museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre.

Uma das principais obras da artista, esta em formato digital, traz a figura de uma mulher, quase que em denúncia autobiográfica, com os dizeres: “Nunca seremos artistas, estamos ocupadas demais!” Tal afirmativa coaduna-se com o tema principal da transmissão ora em análise, apontando para as angústias que permeiam o fazer artístico de mulheres no país, ainda mais intensificadas durante a pandemia. O ambiente privado do lar, torna-se o ambiente de práticas múltiplas durante a pandemia.

O diálogo travado com as três artistas durante a transmissão circundou o tema da cultura, nos seus diversos universos. Em se tratando de artistas gaúchas e/ou radicadas no estado, especialmente em Porto Alegre, o debate envolveu a cadeia produtiva da arte local e, em particular, a das envolvidas, desenrolando-se também um breve histórico de suas memórias de vida, de suas realizações artísticas e do(s) território(s) de circulação de seus trabalhos e vivências.

Tais contextos serão aqui apresentados em debate com autores do campo da Memória, entrelaçando perspectivas por eles protagonizados com teorias feministas, e discussões sobre arte, artistas e pandemia.

Primeiramente destaca-se que as transmissões ao vivo revelaram-se, durante a pandemia, como um recurso potente, diante do contexto desafiador do isolamento social, da exaustão provocada por longas estadias em ambiente privado e do enfrentamento de restrições sociais, além do importante impacto sobre a percepção do tempo transcorrido, descrito pelas entrevistadas como sendo muito diferente do habitual, e manifestando-se fisicamente de forma dolorosa, carregado de ansiedade, de inconstância e até mesmo de mudanças biológicas tais como nos seus ciclos menstruais.

Para Aline Daka, os processos criativos de produção de seus desenhos estão afetados no momento, levando a que a artista tenha optado pela fotografia, uma vez que essa pode ser conseguida, segundo a artista, em menor tempo e atendendo a maior sentido de urgência, enquanto Milene Tafra vê a fotografia como um processo encenado através da materialização de ideias em imagem e da externalização do seu imaginário. Já Ana Albani nos provoca a pensar acerca das telas digitais às quais estamos constantemente expostos durante a pandemia, como uma dimensão que dificulta a prática experiencial e que nos atinge em nossas ligações cognitivas

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas, loadeaguiar@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas, julianapoloni@hotmail.com

e afetivas.

O fechamento de instituições, de museus e de espaços expositivos e a reorganização de equipes, assim como a dispensa de profissionais, são questionados como fatores que acarretam grande carga emocional e ansiedade e que desembocam em perdas sociais e econômicas, que por sua vez afetam em maior ou menor medida nossas memórias sobre este período. Nesse sentido, a questão que se coloca é: como isso tem se dado? Que memórias colaboram ou colaborarão para as narrativas que envolvem o processo pandêmico e as mulheres, as suas narrativas, as suas vivências, em especial aqui, relacionadas ao universo da arte?

Os saberes produzidos pelas artistas está contemplado na atual circulação de arte inserida no mercado cultural?

**PALAVRAS-CHAVE:** Artistas Visuais, Feminismo, Memórias Feministas, Pandemia

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas, loadeaguiar@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas, julianapoloni@hotmail.com